

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



# O PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE A OCUPAÇÃO HUMANA EM TORNO DA ALDEIA DE PEGARINHOS (ALIJÓ) – EM BUSCA DAS ORIGENS DA ROMANIZAÇÃO DO DOURO

Tony Silvino<sup>1</sup>, Pedro Pereira<sup>2</sup>

Com a colaboração de Thierry Argant, Joana Brito, Tiago Ferreira, Rodolphe Nicot, Vincent Rault e Laudine Robin

## RESUMO

O Vale do Douro durante o período Romano é, desde cedo, um tema sobre o qual vários investigadores têm dedicado uma atenção particular, sobretudo devido à estreita ligação de Roma à viti-vinicultura na perspectiva da historiografia tradicional, essencial no esquema económico regional desde o Período Moderno até aos nossos dias.

O Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em torno da Aldeia de Pegarinhos, Alijó (PIOHP) iniciou-se em 2012, terminando a sua primeira fase em 2016. Com uma ocupação clássica faseada em dois momentos, o sítio de Trás do Castelo é, entre os séculos I<sup>o</sup> e III<sup>o</sup>, ocupado por uma estrutura de cariz económico, com vários tipos de estruturas de produção e transformação de matérias primas. Num segundo momento, durante o século IV<sup>o</sup>, o sítio voltará a ser ocupado, mas num contexto sobretudo habitacional.

Os objectivos iniciais do projecto eram extremamente específicos, ligados sobretudo ao processo de romanização. No entanto, os dados proporcionados permitem-nos ir além dos lugares comuns e recolções de artefactos em que a historiografia tradicional se tem suportado para escrever a história do Douro Romano.

**Palavras-chave:** Alijó, Romanização, Vale do Douro.

## ABSTRACT

Since early on that the Douro Valley during its dominion by Rome has attracted researchers. This is mostly due to the traditional link between Rome and the advent of wine production and the role this economic activity has played in the region since Modern times until today.

Started in 2012, the Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em torno da Aldeia de Pegarinhos, Alijó (PIOHP) has lasted, in its first phase, for four years. With a classical occupation divided in two defined moments, the Trás do Castelo site is, between the first and third centuries A.D., occupied by an agricultural and artisanal structure, with several different types of structures. A second moment, during the fourth century A.D. the site is re-occupied.

The initial objectives of the project were very specific, mostly connected to the Romanization process. Nevertheless, the data collected has allowed us to better understand the Roman Douro Valley History.

**Keywords:** Alijó, Romanization, Douro Valley.

---

1. Arqueólogo da EVEHA. Investigador do CITCEM; pegaton@yahoo.com

2. Arqueólogo. Investigador do CITCEM; pedro.abrunhosa.pereira@gmail.com

O Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em torno de Pegarinhos iniciou-se em 2012, no Castro de Vale de Mir (Pegarinhos). Um dos objectivos principais do projecto de investigação foi o da problemática da romanização do Vale do Douro, temática sobre a qual os dois coordenadores do projecto se têm vindo a debruçar nos últimos anos.

A Proto-História e, sobretudo, a transição deste período para o domínio romano, têm vindo a ser analisadas na historiografia tradicional desde o século XIX, adoptando um relevo importante na obra de historiadores como Afonso do Paço ou Francisco Martins Sarmento. Todavia, será apenas durante a primeira metade do século XX, com escavações arqueológicas e estudos promovidos por pioneiros da Arqueologia portuguesa, como José Leite de Vasconcelos, Ricardo Severo ou Fernando de Russel Cortez, que começaremos a assistir a uma perspectiva verdadeiramente focada na realidade regional do Noroeste Peninsular. Embora a produção literária seja vasta sobre este tema, poucas intervenções têm vindo a ser promovidas no Vale do Douro com o intuito de melhor compreender como é que se desenvolveram os castros e como é que estes se adaptaram ao novo panorama político-administrativo que nasce com a romanização.

O Castro de Vale de Mir localiza-se num promontório, no extremo Norte da planície de Alijó, sobranceiro ao Vale do Souto. Em 2008, aquando de trabalhos de abertura de uma via em terra batida entre a sede da freguesia (Pegarinhos) e a aldeia de Vale de Mir na vertente Este do Casto, um dos coordenadores deste projecto, Tony Silvino foi contactado pela Junta de Freguesia pois tinham sido encontrados “barros e muros antigos” durante os trabalhos de decapagem dessa via. Embora na altura ambos os coordenadores se encontrassem vinculados a um outro projecto, o ESPROCOM, no Concelho da Mêda, iniciaram-se os procedimentos para que, em 2012, fosse possível realizar um projecto de sondagens manuais na área do terreno apelidado como Trás do Castelo (Figura 1).

O projecto, que contemplava inicialmente a realização de sondagens tanto em Vale de Mir como em Castorigo, centrar-se-ia em Vale de Mir nas campanhas seguintes, uma vez que o Castro de Castorigo, embora de maiores dimensões, possui um manto vegetal bem mais denso e, infelizmente, aparenta ter sido alvo de escavações abusivas pela mão de detectoristas.

A campanha de 2012, com uma duração de apenas duas semanas, resultou num total de nove sondagens, nos patamares inferiores do terreno. Decorrente destas sondagens, foram descobertas várias estruturas e vestígios móveis com datações relativas apontando sobretudo para um período de romanização plena, entre os séculos II e IV d.C. A maioria das estruturas aparentavam ser fruto de construções relativamente grosseiras, com reutilizações de outros elementos (como foi o caso do muro na sondagem 3, onde foi detectado um fragmento de *catillus* re-utilizado no muro) e com raras utilizações de argamassas, fossem de barro ou de cal. No entanto, foram apenas descobertas duas estruturas que aparentavam indicar a existência de elementos importantes para o estudo da romanização do Douro: uma estrutura de tanque, escavada directamente sobre a rocha base e recoberta de *opus signinum* (sondagem 8) e um muro, em *opus quadratum* extremamente regular em cuja construção foi utilizado *opus signinum* enquanto material ligante (sondagem 9) (Figura 2).

Na campanha seguinte, em 2013, foi continuado o projecto de sondagens, embora tenham sido realizadas duas expansões, nomeadamente das sondagens 8 e 9. A realização de sondagens na periferia da área em estudo permitiu compreender que o conjunto de edifícios que seriam mais tarde identificados estão concentrados numa orientação Norte-Sul. Da mesma forma, a expansão das sondagens 8 e 9 permitiram ter uma melhor leitura interpretativa das estruturas previamente identificadas. No final da intervenção foi possível compreender que o muro identificado na sondagem 9 se expandia para Sul e para Norte, onde se liga a um ângulo recto do que aparentava ser um edifício.

Durante a escavação de 2014 foram concentrados esforços na expansão das sondagens 9 (iniciada em 2012), 10 e 14 (iniciadas em 2013 e próximas à sondagem 9). Nessa área foram finalmente identificados quatro compartimentos num grande edifício rectangular, construídos com recurso ao método de soalcos para regularizar o terreno. Foi também nesta campanha que foram recolhidos uma grande quantidade de vestígios móveis e em que conseguimos definitivamente ter datações relativas de ocupação para o século I d.C. Os métodos constructivos utilizados no edifício, como a utilização de argamassa de barro e cal, o corte de pedra, extremamente regular, e a própria organização espacial dos diversos comparti-

mentos, recordavam um sentido de ordem e técnica constructiva clássicos. Embora inicialmente, tanto a estrutura arquitectónica como algum do material metálico descoberto durante a escavação permitissem a associação a algum tipo de estrutura de cariz militar, as descobertas posteriores invalidaram esta primeira análise. Durante esta campanha foram ainda realizadas campanhas de limpeza e registo de uma via próxima, que fez ligação entre Vale de Mir e Pegarinhos durante, pelo menos, o período Moderno e Contemporâneo e de uma pedreira próxima, que poderá também ter sido utilizada em períodos recentes. No entanto, tanto a proximidade do sítio destas ocorrências tal como a orientação da via, em direcção ao Castro de Castorigo, aparentam revelar as suas origens em horizontes mais remotos (Figura 3).

As campanhas de 2015 e 2016 permitiram definitivamente compreender que as estruturas descobertas em Trás do Castelo fariam parte da estrutura de produção e transformação de matérias primas de uma exploração agrícola, possivelmente mesmo de uma villa, embora nos continue a escapar o espaço residencial. A descoberta de uma série de edifícios, ligados à estrutura descoberta nas campanhas de 2013 e 2014 através de um pequeno pátio aberto. Outras estruturas foram identificadas, em ligação a um grande espaço aberto ou pátio, no extremo Noroeste da área intervencionada. Entre as estruturas identificadas foi detectado uma série de compartimentos ligados ao tratamento e armazenamento de cereais, um lagar e várias estruturas ligadas a escoamento hídrico (Figura 4).

O estudo dos materiais exumados do sítio tem vindo a ser feito todos os anos por investigadores especializados nas suas respectivas áreas. Assim, todos os anos tem sido possível ter um panorama bem definido das fases de ocupação dos diferentes espaços em intervenção.

A partir do fácies cerâmico, conseguimos delinear uma primeira proposta para o faseamento da ocupação do sítio de Trás do Castelo, dividida em três fases principais e subsequentes abandonos. Embora seja notória a falta de informação acerca das produções (e respectivo consumo) regionais, existem alguns dados que nos permitem estabelecer paralelos. Ao mesmo tempo, o estudo das peças providas de importações, como é o caso das terra sigillatas, presentes em todas as fases, permite atribuir um faseamento cronológico, composto por três momentos principais e, em contraste com outros elementos

exumados, permite reconhecer tanto a cronologia como funcionalidade dos diversos espaços.

A primeira fase, que decorre entre o final do século Iº e o século IIIº da nossa Era, é marcado por ser o momento da primeira ocupação (e construção) de estruturas de cronologia romana. É neste momento que se verificam a construção do lagar de vinho, áreas de moagem e armazenamento de cereais e estruturas ligadas ao tratamento de produtos têxteis. Os materiais cerâmicos que provém desta fase dividem-se em dois conjuntos. O primeiro, que engloba produções da segunda metade do século Iº d.C., e um segundo, mais tardio, do século IIIº da nossa Era.

A segunda fase de ocupação desenvolve-se no século IVº da nossa Era. Caracteriza-se por uma re-ocupação dos vários espaços e estruturas da primeira fase, com ligeiras re-construções de estruturas. Esta segunda fase possui um espólio algo pobre, dando-se destaque a um indivíduo de terra sigillata hispanica tardia (TSHT) e um de EVP. Esta ocupação aparenta também ter um carácter habitacional, ao contrário do que sucedeu durante a primeira fase de ocupação de Trás do Castelo. Predominam formas de louça utilitária, de consumo de alimentos.

O abandono do sítio, após a segunda fase de ocupação, decorre no final do século IVº d.C. Devemos frisar que a segunda fase de abandono de Trás do Castelo foi alvo de destruição extensiva devido à prática da agricultura. Inclusive, nas sondagens a Nascente (1, 2 e 3, visíveis a Sul na imagem 4) são ainda bem visíveis os traços de charrua e arado nos muros da primeira e segunda fases de ocupação. Logo, é visível uma certa heterogeneidade de material cerâmico nesta fase de abandono. No caso das cerâmicas finas, mais uma vez, devemos ter em conta a presença de uma grande quantidade de terra sigillatas. No entanto, ocorrem tanto de tipo hispânico tardio como hispânico e gálico, de produções mais antigas, embora em números muito baixos. Este facto é explicável pelos revolvimentos de solos decorrentes da agricultura praticada na zona, que foi ocupada por cerealíferas e árvores de fruto até há poucas décadas. No entanto, ainda foi possível recuperar depósitos sedimentares com poucas ou nenhuma intrusões. Predominam as formas dedicadas à preparação e serviço de alimentos, tal como sucede ao longo de toda esta segunda fase de ocupação, sendo bem visíveis os pratos, potes ou potinhos que predominam no contexto rural clássico do Vale do Douro. É também notória a presença de elementos de armazenagem

de tipo *dolia*, sendo pelo menos duas das formas dedicadas à conservação de vinho ou de derivados. A maioria dos elementos cerâmicos estudados provenientes do sítio de Trás do Castelo, num total de 9278 fragmentos, enquadram-se nas tipologias ditas comuns. São na sua maioria elementos utilitários ligados à preparação ou consumo de alimentos. Há uma concentração de peças ligadas ao armazenamento e conservação de produtos, sob a forma de *dolia* no espaço de pátio intervencionado nas campanhas de 2015 e 2016. Relativamente às peças de importação, sobressaem as terra sigillatas hispânicas, procedentes dos ateliers da actual Rioja, com datações variáveis entre o final do século I<sup>o</sup> e o século IV<sup>o</sup> (Figura 5).

Relativamente a outros tipos de materiais, foi descoberta uma muito pequena quantidade de elementos vítreos, sobretudo de serviço de mesa. Foi ainda identificada uma grande quantidade de *instrumentum*, sobretudo relacionada com transformação de matérias primas (tecelagem e moagem) como mós, pesos de tear ou cossoiros. Foram também detectadas algumas ocorrências de elementos de prestígio ou de indumentária, como fíbulas e tachas de calçado. A maioria dos elementos metálicos encontram-se ligados à construção, com especial relevância para pregos e tachas, ou ainda ligados ao consumo e preparação de alimentos e do dia a dia, como o demonstram algumas lâminas de facas encontradas no sítio e respectivas pedras de amolar (Figura 6).

Os numismas encontrados em Vale de Mir foram descobertos em três tipos de contexto: enquanto achados isolados, o que sucedeu sobretudo nas camadas superiores, fruto de movimentações de sedimentos devido à actividade agrícola na zona anterior à nossa intervenção e aos momentos de destruição de elementos edificados; enquanto depósitos monetários; e como elementos de acto fundacional. A maioria das moedas descobertas durante o projecto remetem para a última fase de ocupação, nomeadamente final do século III e século IV. No entanto, durante a campanha de 2015, momento em que também foram descobertos os maiores depósitos monetários, foi possível identificar pelo menos um numisma datável do século I<sup>o</sup>, em depósito fundacional e em flor de cunho (denário de Domiciliano, cunhado em Roma em 84 d.C.<sup>3</sup>), que permitiu datar a estrutura de prensa do lagar (Figura 7).

3. Identificada com o número 1 na imagem 7.

A realidade do sítio de Trás do Castelo é similar a tantos outros sítios arqueológicos no Vale do Douro: durante décadas foram alvo de suposições e hipóteses estabelecidas em grande parte numa perspectiva historiográfica sem um suporte empírico.

O facto de se tratar de uma estrutura agrária na área de incidência directa de um castro leva-nos a traçar paralelismos com o Alto da Fonte do Milho (Canelas, Peso da Régua). Embora esse sítio tenha sido alvo de uma primeira intervenção na década de 1940, apenas foi re-escavado com a Direcção Regional da Cultura do Norte a partir de 2010. Fernando Cortez, o primeiro investigador a realizar uma intervenção de envergadura no sítio, classificou-o enquanto «castellum» ou villa fortificada, uma vez que, entre outras estruturas de transformação, descobriu um lagar de vinho no sítio. A intervenção da DRC-N clarificou tratar-se de uma *villa* implantada sobre e em torno de um castro de cronologia anterior, tal como aparenta suceder com o sítio de Trás do Castelo. No entanto, as dimensões e escalas entre os dois sítios não são comparáveis: a área funcional conhecida da Fonte do Milho aparenta corresponder a sensivelmente um quarto àquela de Trás do Castelo.

Levantam-se ainda muitas questões sobre a ocupação de Trás do Castelo, como sucedeu o processo de romanização, do espaço e dos seus habitantes, o que aconteceu aos seus habitantes? Terá sido Trás do Castelo o primeiro núcleo de povoamento de Vale de Mir e, posteriormente, outros locais? Como é que este local interagiu com outros estabelecimentos agrícolas e núcleos populacionais da mesma região? O Projecto de Investigação em que se inseriram estas escavações terminou em 2016. No entanto, pretendemos realizar novas campanhas em breve na zona. Talvez num futuro próximo possamos responder a algumas das questões que este projecto levantou no seu início e que têm vindo a surgir ao longo da sua realização.

## BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (1988) – *Roman Portugal*. Warminster. Aris & Phillips.

ALARCÃO, Jorge de (1995) – *Domínio Romano em Portugal*. Europa América, 4<sup>a</sup> edição.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1997) – *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho – Esposende*. Tese de Doutoramento defendida pelo autor na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 22 de Outubro de 1997.

DIAS TAVARES, Lino (1995) – *Cerâmica comum romana em Tongobriga*. Trabalho complementar à dissertação de doutoramento em pré-história e arqueologia, Porto, Universidade do Porto, policopiado.

PEREIRA, Pedro (2017) – *O Vinho na Lusitânia*. Ed. Afrontamento. Porto (no prelo).

PEREIRA, Pedro e MORAIS, Rui (2015) – *Estudo cronológico de dolia romanos em Portugal*. Ex Officina Hispania – Cuadernos de la SECAH, 2, pp. 33-44.

PEREIRA, Pedro e SILVINO, Tony (2012) – *O Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em torno da aldeia de Pegarinhos*. Relatório policopiado.

PEREIRA, Pedro e SILVINO, Tony (2013) – *O Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em torno da aldeia de Pegarinhos*. Relatório policopiado.

PEREIRA, Pedro e SILVINO, Tony (2014) – *O Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em torno da aldeia de Pegarinhos*. Relatório policopiado.

PEREIRA, Pedro e SILVINO, Tony (2015) – *O Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em torno da aldeia de Pegarinhos*. Relatório policopiado.

SÁ COIXÃO, António Nascimento de (2009) – *Carta Arqueológica do Concelho de Mêda*. Câmara Municipal da Mêda: Mêda.

SÁ COIXÃO, António Nascimento de e SILVINO, Tony (2008) – *Rumansil I: Deux fours de potiers des III<sup>e</sup>-IV<sup>e</sup> S. dans la Vallée du Douro*. In Actes du Congrès de l'Escala-Empúries. Lyon : SFECAG, pp.633-642.

SÁ COIXÃO, António Nascimento de e SILVINO, Tony (2009) – *Coriscada, une grande villa romaine du Portugal*. Archéologia, V. 464, Lyon, pp. 52-60.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

SILVINO, Tony, PEREIRA, Pedro e BRITO, Joana (2017) – *A cerâmica romana de Trás do Castelo (Vale de Mir, Alijó) – rupturas e continuidades de uma exploração agrícola romana no Vale do Douro*. Actas das VI Jornadas de Arqueologia do vale do Douro (no prelo).

SILVINO, Tony e SÁ COIXÃO, António Nascimento de (2008) – *Rumansil I (Murça-do-Douro): une production de céramiques au III<sup>e</sup> s. ap. J.-C. dans la vallée du Douro*. SFECAG, Actes du congrès de L'Escala-Empuries, 2008, pp. 633-642.

SILVINO, Tony, SÁ COIXÃO, António Nascimento de e PEREIRA, Pedro (2014) – *Le faciès d'un établissement rural au nord de la Lusitanie. L'exemple de la villa du Mouro (Coriscada, Mêda)*, in R. Morais, A. Fernandez, J. M. Sousa (coord.) *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia*, Monografias ex officina Hispana II, tomo I, pp. 329-326.

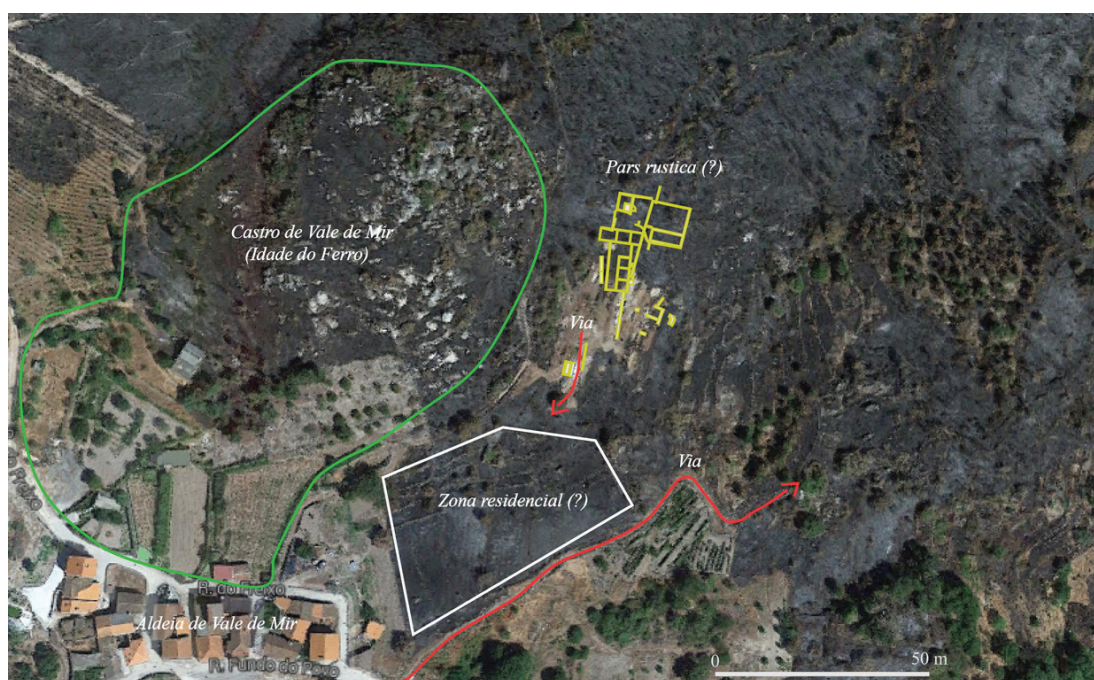


Figura 1 – Acesso ao Castro de Vale de Mir.



Figura 2 – Sondagem 9, Trás do Castelo.



Figura 3 – Edifícios presentes na sondagem 10, Trás do Castelo.

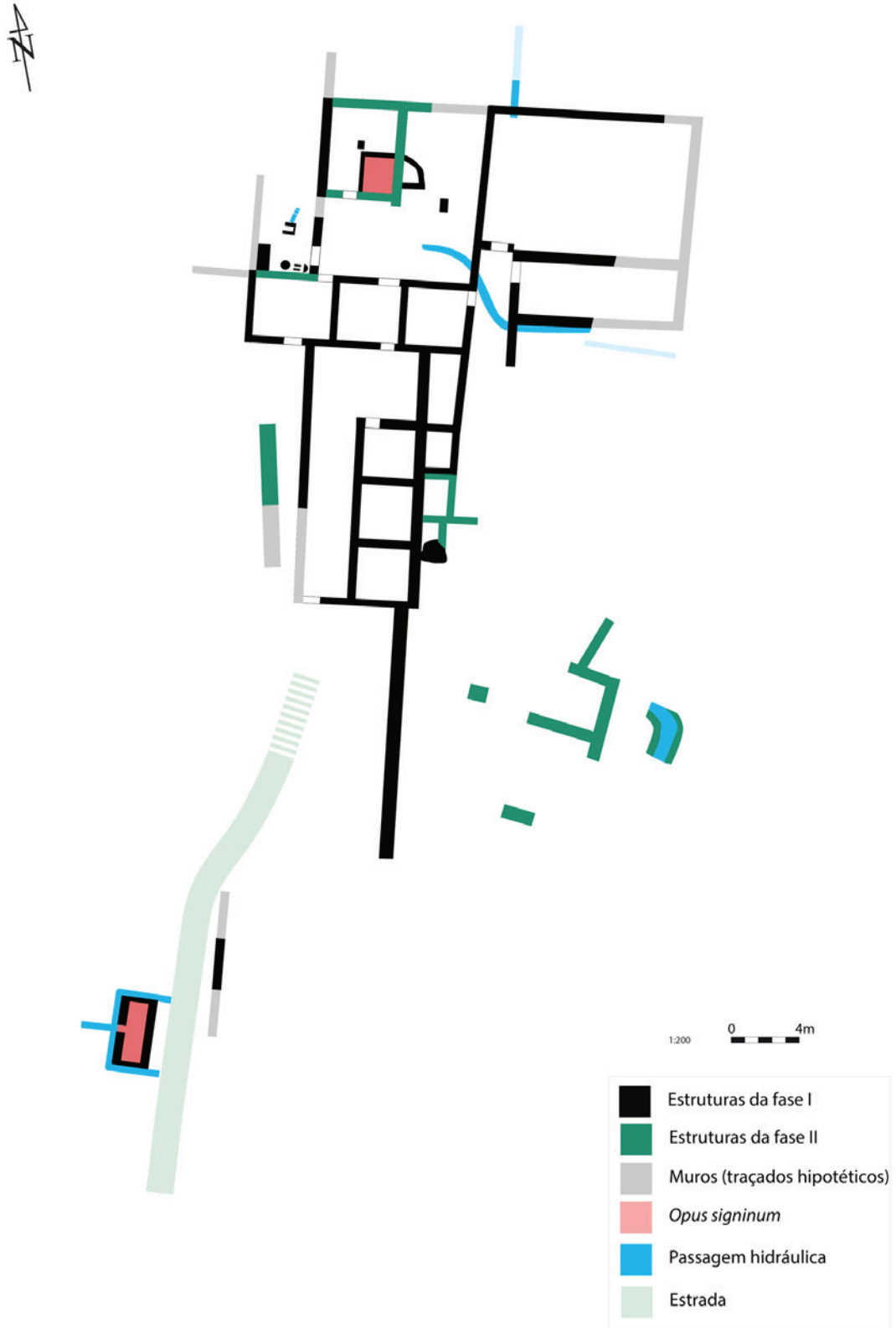
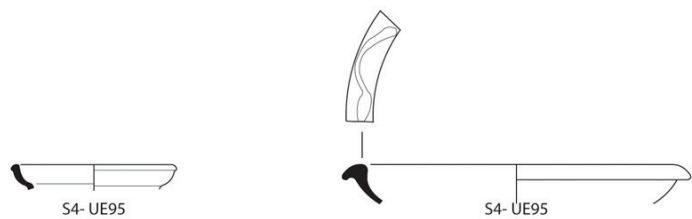
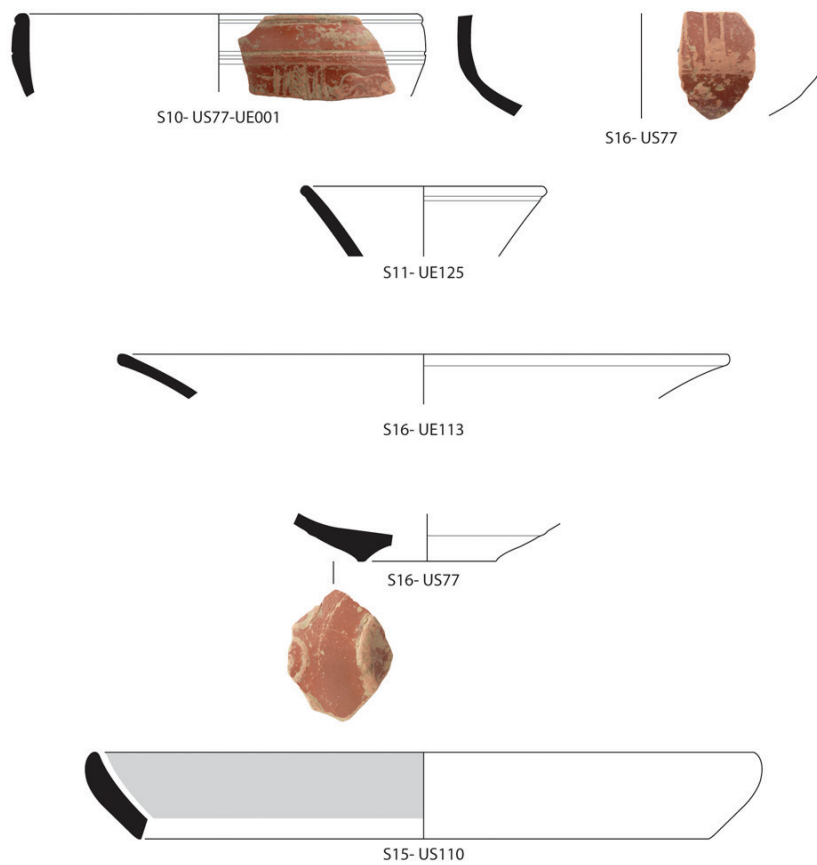


Figura 4 – Planta da área intervencionada de Trás do Castelo.

Fase 1 - Instalação



Fase 1 - Ocupação



1/3 0 5cm

Figura 5 – Tipologias cerâmicas procedentes das primeiras fases de ocupação de Trás do Castelo.



Figura 6 – *Catillus* re-utilizado na segunda fase de ocupação, Trás do Castelo.



Escala. : 1/1



Escala: 2/1

Infografia : R. Nicol© Éveha, 2015

Figura 7 – Numismas procedentes da campanha de 2015 em Trás do Castelo.



